■ Director interino: José Carlos Rodrigues

170$00 ■ ANO XII ■ 656
3 de Janeiro de 1991

E7E

OS DOORS SEGUNDO OLIVER STONE

- MITOS
- O FILME
- HISTÓRIA
- MÚSICA

Valeu a pena esperar pelo Bondwell® portátil

A melhor relação preço/performance. Apenas 3,5 Kg e 4 cm altura.

- AT compatível
- CPU 80 286 - 16 Mhz
- Disco rígido de 40 Mb
- 1 Mb RAM
- Écran retro-iluminado
- Saída RGB / Monitor
- 2 Portas RS 232
- Porta paralela
- Package de 2 baterias e carregador

Alta tecnologia informática sempre consigo!

UMA REPRESENTAÇÃO

TRIUDUS

Dep. Profissional: Av. Fontes Pereira de Melo, 35, 2.º
Sede: Rua António Pedro, 76, 2.º
LISBOA
Tel. 352 05 46 - 56 37 45 - 54 62 22

Braga: Rua do Taxa, 48 — Tel. (053) 7 79 24
A ABRIR BREVEMENTE
Setúbal: Galerias Avenida Parque – Av. Luísa Todi, 277, loja 8 - 1.º piso

Liderados por um carismático poeta/vocalista que costumava vestir calças de cabedal, os Doors foram uma das primeiras bandas a conseguir convencer a polícia norte-americana de que as canções pop não eram tão inocentes como se pensava. O seu melhor ano comercial foi 1980, oito anos depois de terem cumprido as suas funções. Agora, em 1991 os detentores de direitos sobre as músicas do grupo podem sorrir de novo. O filme de Oliver Stone vai fazer reviver o mito americano do cantor que morreu cedo de mais

■

Val Kilmer (Jim Morrison) e Meg Ryan

pedra ao ar

Foi o truculento Oliver Stone que acabou por ficar com o projecto de filmar o mito. Jim Morrison, The Doors e o espírito da época. Conseguiu-o através do célebre e eficaz método da persuasão pela fadiga. Os intervenientes problemáticos que há anos impediam que tal filme fosse avante eram, basicamente, os pais de Jim, os pais de Pamela, a namorada oficial, e os membros da banda. Cansados de tanto puxar cada um a brasa à sua sardinha... desistiram, e quem apareceu na altura certa foi Oliver Stone (**Salvador, Platoon, Nascido a 4 de Julho**). Fará a oportunidade o realizador?

Na calha para realizar o filme estiveram nomes bem menos assustadores. Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Brian de Palma, Walter Hill, Ron Howard, entre outros. Para protagonizar o **Rei Lagarto**, The Crawling King Snake ou como queiram chamar-lhe (mas sempre rei por favor), sugeriram-se igualmente dúzias de nomes, onde pontuam Richard Gere, Tom Cruise, Cristophe Lambert, Michael Hutchence (dos INXS) e mesmo o lacrimejante John Travolta. Acabou por ser escolhido Val Kilmer, o moço cabeludo de **Wilow**, pois, esse filmezinho da treta. (Hum... Outro motivo para nos fazer temer o pior.) Ao que parece usou método idêntico ao do realizador, mostrando-se obcecado pelo papel, e rezam os poucos ecos até agora conhecidos que Kilmer se aplicou a tal ponto que surpreenderá todos. Aprendeu com a rainha da dance music, Paula Abdul, a recriar os inconfundíveis movimentos corporais de Jim em palco e, diz-se, canta quase tão bem como ele, o que colocou a O. Stone alguma dificuldade nas decisões relativas à banda sonora. Esta vai usar os dois tipos de registo. A música original e Val Kilmer a dar voz a quatro temas: «The End», «Roadhouse Blues», «L.A. Woman» e «Peace Frog».

Entre os restantes actores vamos encontrar Kyle MacLaclan, o mui querido «special agent» Dale Cooper de **Twin Peaks** e **Blue Velvet**, que vai dar corpo a Ray Manzarek (órgão). Robby Krieger (guitarra) vai ser interpretado por Frank Whaley, John Densmore (baterista) por Kevin Dillon e Pamela Courson vai aparecer na pele da doce Meg Ryan.

Iggy Pop esteve para entrar, mas já estava demasiado velho para fazer de si próprio quando jovem rebelde. Por outro lado, Billy Idol, que estava escalado para um papel de relativa importância, sofreu um acidente de moto e teve de ser substituído, o que não impede que o cantor apareça, ainda que num papel menor e «non-walking». Porém, e apesar de todas as dificuldades com que o projecto nasceu, entre elas as imposições contratuais que obrigam Stone a não figurar os pais de Jim, a não dar uma imagem negativa de Pamela ou, incrivelmente, o impedem de usar os poemas de Morrison, além do secretismo que rodeou toda a rodagem para evitar o tráfego de fãs e jornalistas, o filme está na fase final da pós-produção.

Oliver Stone foi exaustivo na pesquisa do material que recolheu, utilizando tudo o que havia, nomeadamente os três scripts previamente concebidos por outros, em poder da distribuidora (Carolco), e procedendo ainda a entrevistas com cerca de 250 pessoas que conheceram Jim Morrison, até chegar à sua versão do argumento. Pelas palavras que se lhe ouviram sobre o filme, afigura-se este uma visão tão controversa quanto o foram os seus anteriores filmes, com o acréscimo de risco que significa trabalhar matéria tão sagrada como esta. Stone vê Morrison como uma espécie de Rimbaud (um dos heróis do cantor) versão cabedal negro e investido de verdadeiros poderes xamânicos, com contactos mediúnicos with the other side. O pior foi quando a mulher de Bill Siddons (o manager dos Doors) lhe entrou pelo escritório adentro com um maço de folhas na mão. «Isto era o que Jim estava a ler em Paris», disse. Paris foi, como se sabe, onde J. Morrison morreu. E o tal documento era o primeiro script que Stone tinha escrito, recém-chegado e recém-cacimbado do Vietname. «Foi como que um sinal vindo de Jim. Direct. Senti durante toda a rodagem que alguma coisa me empurrava, passava através de mim, incitando a equipa...»

Tanta transcendência à partida não deixa adivinhar nada de bom. Céus. ■ **Teresa CARMO**

Val Kilmer com Oliver Stone

as portas do rei lagarto

Filmes são colecções de retratos inanimados submetidos a inseminação artificial ...

«... Todos estes histéricos profissionais, escolhidos precisamente pela sua tendência psicótica, foram em tempos tidos em consideração. Punham o homem em contacto mediúnico com o mundo dos espíritos. As travessias mentais deles asseguravam o eixo da vida religiosa da tribo».

Jim Morrison, «Os Mestres e as Criaturas Novas»

Os Doors foram concebidos numa noite de 1965, durante uma festa de estudantes universitários numa praia californiana. Jim Morrison, aluno da Escola de Cinema da UCLA, recitou um dos seus poemas em estilo «beatnick» e, no final, foi abordado por um colega da mesma escola, Ray Manzarek, que lhe propôs uma colaboração conjunta na feitura de canções.

Manzarek e os seus dois irmãos haviam formado uma banda de rythm'n'blues chamada Rick and the Ravens. Mas, como pianista de formação clássica, cada vez achava mais limitado o seu espaço de criatividade. Foi Morrison quem, na mesma noite, encontrou o nome para o futuro agrupamento: The Doors, nome que foi buscar ao título de um célebre livro de Aldous Huxley — «The Doors of Perception» — onde o autor relatava as suas experiências com a mescalina (Huxley, por seu turno, tinha retirado o seu título de um poema de William Blake).

Ray Manzarek conheceu então dois ex-músicos dos Psychedelic Rangers — o guitarristas Robby Krieger e o baterista John Densmore, que depressa substituíram nos ensaios os dois irmãos Manzarek mais novos. Os Doors gravaram então uma curta fita de apresentação e conseguiram ser contratados como banda de rotina num celébre estabelecimento de Los Angeles, o Whisky A-Go-Go. Quatro meses mais tarde, Morrison seria detido sobre o palco após ter interpretado uma «performance» «edipiana («The End») ao som de uma cançãozinha pop composta por Krieger («Light My Fire»). No entanto, quando o grupo foi despedido já havia assinado um contrato com a Elektra Records.

O primeiro álbum da banda («The Doors») foi lançado em 1966 e incluía uma versão de «The End» em 11 minutos que foi dissecada por praticamente todos os DJ das rádios «progressistas».

Em 1967, numa altura em que a figura de Morrison se havia definitivamente estabelecido como encarnação viva dos mais obscuros impulsos psicológicos, foi lançado «Strange Days», um disco socialmente comprometido com a reflexão em torno da Guerra do Vietname que chegou ao 3.º lugar das tabelas. Em 1968 o grupo lançou «Waiting for the Sun», mas a sua credibilidade evaporou-se diante de uma audiência adolescente, ao mesmo tempo que eram abandonados pela cena «underground» por se terem tornado demasiado populares. «Waiting for the Sun» assinalou igualmente a primeira aparição de um célebre «alter ego» de Morrison, o Rei Lagarto; a imagem surgiu num poema impresso na capa interior do disco, «The Celebration of the Lizard King», e parte do poema foi posteriormente utilizada como texto para o tema «Not To Touch The Earth», mas só veio a ser registado na íntegra no duplo álbum «Absolutely Live» (1970).

As íntimas relações de Morrison com a bebida e as drogas, somadas ao seu prestígio de «poeta maldito» e a várias cenas de desacato frente às forças policiais, inflacionaram desmesuradamente a sua figura pública. Mas o comportamento do vocalista só veio a prejudicar seriamente a banda quando, em Março de 1969, Morrisom foi detido em Miami por «comportamenro lascivo, tendo exposto as suas partes íntimas e simulado masturbação e cópula oral» sobre o palco.

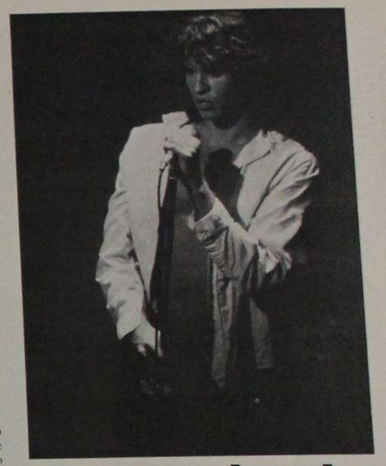
O cantor foi ilibado, mas a fúria da opinião pública (o caso servira de motivo para a constituição de um movimento em prol da decência) fez que os promotores de concertos passassem a recear contratar a banda. Depois, os sentimentos contraditórios que Morrison nutria em relação à sua popularidade fizeram o resto e, até ao final, as aparições ao vivo tornaram-se cada vez mais raras.

O álbum «Soft Parade» (1969) não causou grandes comoções na opinião pública, embora o tema «Touch Me» tenha conseguido o 3.º lugar nas tabelas de singles. Morrison começou então a prestar maior atenção a projectos exteriores: escreveu poesia, colaborou com o seu amigo Michael McClure na elaboração de um argumento para cinema e realizou um filme intitulado «A Feast of Friends», além de duas curtas-metragens concebidas como acompanhamento visual para os temas «Break on Through» e «The Unknown Soldier». «Morrison Hotel» (1970) e «L.A. Woman» (1971) foram trabalhos em que o grupo procurou recuperar o seu antigo prestígio à custa de grandes esforços no trabalho de produção.

Em 1971 o vocalista abandonou temporariamente a banda para se refugiar em Paris com a sua mulher, Pamela, procurando concentrar-se na poesia. Foi encontrado morto na banheira a 3 de Julho desse ano, aparentemente por crise cardíaca produzida pelo consumo de heroína. Porém, foram muitos poucos aqueles que viram o cadáver, para além da sua mulher e de um obscuro médico que assinou a certidão de óbito. Esse facto fez surgir a lenda de que o cantor havia simulado a sua própria morte, crença que foi reforçada por a notícia só ter sido tornada pública vários dias após o enterro de Morrison no cemitério de Père Lachaise, em Paris. Pamela Courson Morrison viria a falecer em Hollywood a 25 de Abril de 1974, por overdose de heroína.

Antes da separação definitiva, os Doors fizeram ainda mais dois álbuns — «Other Voices» (1971) e «Full Circle» (1972) — que apenas comprovaram o esgotamento da criatividade do trio. Manzarek ainda alimentou a esperança de reconstruir o grupo com Iggy Pop (cuja maior influência sempre foi Morrison) mas o plano abortou. Os três sobreviventes acabaram por se reunir em 1978 para elaborarem o álbum «An American Prayer — A Tribute to Jim Morrison», onde a poesia escrita pelo cantor sobressaía sobre um fundo musical criado especificamente para esse efeito. Por ironia, o melhor ano para a carreira dos Doors foi 1980, quando Danny Sugerman e Jerry Hopkins lançaram «No One Here Gets Out Alive», uma biografia de Morrison, e as vendas dos discos do grupo — cuja fama continuara a crescer entre os novos grupos punk e new wave — subiram mais do que nunca. A música dos Doors foi a principal fonte de inspiração para grupos como os Stranglers e os Echo and the Bunnymen e os seus trabalhos ainda hoje se continuam a vender excepcionalmente bem.

Em 1983 foi editado um outro duplo álbum ao vivo, «Alive She Cried», com material inédito. A poesia de Jim Morrison encontra-se concentrada em dois volumes, «An American Prayer» e «The Lords And The New Creatures» que, tal como a biografia de Sugerman e Hopkins, se encontram traduzidos em português (por Manuel João Gomes e Paulo da Costa Domingos. respectivamente), editados pela Assírio e Alvim. ■ **Jorge PIRES**



carne picada

A receita é simples: picas a carne que sobrou do jantar, juntas-lhe molho de tomate, cebola, uma folha de alface. Serves entalado entre duas metades de um pão. Aí tens um hamburguer.

Foi seguindo esta regra simples da McDonald's que a indústria do cinema americano resistiu a uma década que obrigou a megaprojectos e super-receitas. Pela picadora passaram Batman, Dick Tracy, James Dean, Marilyn, Peter Pan, Mickey, índios e cowboys, os russos, a televisão. Nada se inventou e pouco se transformou. O verbo-chave foi: recuperar.

A saga, pelos vistos, continua em 90. Parece certo que Spielberg vai ao fundo do mar buscar de novo o tubarão. Madonna continua a obra de Marylin e não tarda a cantar para os soldados americanos na Arábia Saudita. O esperto da imagem, Oliver Stone, já tinha percebido que podia recuperar o Vietnam e dar-lhe a volta completa. Agora entendeu que a música tem muito mais a dar do que os filmes de Prince, os falhanços tipo «Absolute Beginners» ou a decepção de Madonna Traçy cada vez que não canta. O problema não se resolve com Michelle Pfeiffer em cima de um piano. O problema resolve-se com uma personalidade marcante ainda à espera que a recuperem. Stone só podia ir buscar os Doors e Jim Morrison.

Assim, de uma penada, o realizador faz o seu hamburguer e deixa o pré-pagamento ao cuidado dos negociantes da música — que, de resto, há anos que andam a baralhar e dar de novo. Se pensarmos, por exemplo, que o Natal de 1990 foi, discograficamente falando, todo vendido como colectâneas do passado, e que até para reunir fundos para ajudar a resolver a praga da década a solução foi recuperar Cole Porter e passá-lo pela frigideira, é fácil adivinhar o que vai suceder quando a Primavera trouxer o novo filme de Oliver Stone. Vamos ter Doors para dar e durar.

A carreira do grupo e a vida de Jim Morrison são obviamente argumentos de peso. Reúnem a tragédia, a fama, a eternidade e o mistério. A um tempo, são farsa e romance, segredo e exposição, culto individual e elo de ligação entre gerações e vivências díspares.

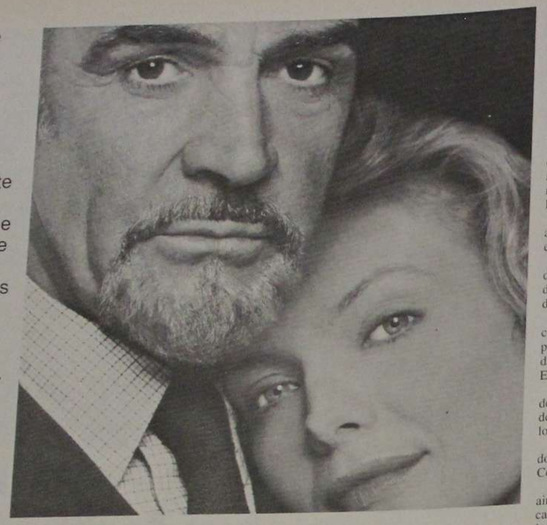
Como se não bastasse, apesar da fama e das vendas ainda hoje notáveis dos discos da banda, a verdade é que Morrison e os seus continuam a ser cultivados como marginais à indústria — no que constitui uma eficaz estratégia da própria indústria.

Oliver Stone, com este filme, marcará o ano de 91 pelo lado mais obscuro do show-biz: o da verdade. Ele não procura reinventar a História nem aproveitar a música para a transformar em rap de segunda ordem. Ele é fiel e vai tentar não trair o culto. Limitar-se-à a pôr o nome na primeira página, enquanto as editoras vendem a música, a rádio tem motivo para especiais e a televisão trata de ir ao arquivo remexer a memória. A operação é concentrada, como as leis do mercado explicam — e sem esforço, porque a obra tem fundamento e argumento.

O problema maior não é agora, nem nos anos mais próximos. Para um sucessso de bilheteira médio ainda há Janis Joplin, Ian Curtis e até Boy George. Todos são óptimos filmes. A questão é para daqui a 20 ou 30 anos, quando a indústria for obrigada a recuperar os nomes do tempo que corre e não encontrar mais do que pastiches das décadas anteriores. A vida de Madonna não justifica um filme, Prince já mostrou tudo o que havia a mostrar — e só mesmo a praga da Sida pode dar um argumento negociável. Quanto à música no cinema, esta década não deixa nada para os futuros realizadores à procura de sucesso preconcebido. É aproveitar agora, enquanto o passado rende, e a lei do hamburguer é dura: cinco minutos depois de fabricado, começa a perder qualidades...

■ **Pedro ROLO DUARTE**

Do cinema que iremos ver nos próximos tempos, levantamos a ponta potencialmente mais interessante do véu. Tarefa feita quase sem rede, porque certos só estão os títulos mais sonantes das grandes distribuidoras norte-americanas. Datas de estreia previstas em Portugal... você disse previstas?!



that's entertainment

Ano novo, cinema novo. Chegados a esta alura do campeonato começa a levantar-se a questão sobre qual o cinema que iremos ver nos tempos mais próximos. É o tempo dos balanços do passado e, sobretudo, das previsões do futuro. Nesta página resolvemos levantar o véu. Revelar os títulos potencialmente mais interessantes que nos próximos meses vão ocupar os cinemas deste país. Tarefa feita sem grande rede porque certos, certos estão (quase) só os filmes mais sonantes das grandes distribuidoras americanas. Incertas são todas as datas possíveis para as estreias dos produtos referidos. Nem sequer vale a pena o negócio do cinema em Portugal, onde tudo é demasiado relativo...

Wild at Heart/Coração Selvagem. O último e já mítico filme do senhor David Lynch. Uma fita que transita do passado ano e que todos aguardam com grande expectativa. Ao que parece o «sacrifício» ainda vai durar mais alguns meses, pois só a partir de Março (na melhor das hipóteses) poderemos assistir às aventuras de Sailor (Nicholas Cage) e Lula (Laura Dern). Entretanto poderemos continuar a seguir as extravagâncias do senhor Lynch através da excelente «Twin Peaks». De qualquer forma «Wild at Heart» é, sem qualquer dúvida, o filme mais apetecido dos próximos tempos.

The Sheltering Sky. Debra Winger e John Malkovich numa aventura pelo deserto do Sahara, dirigidos por Bernardo Bertolucci na adaptação de um romance de Paul Bowles. Quente.

História de Gangsters/Miller's Crossing. América, final da década de 20, lei seca. Os «gangsters» vistos pela dupla Joel e Ethan Colen («Arizona Junior» e «Blood Simple»), com Albert Finney a descarregar a sua «tommy gun» num verdadeiro vendaval de violência mafiosa. A escaldar.

Venha Ver o Paraíso/Come See the Paradise. O novo filme de Alan Parker que esteve para se estrear neste Natal. Um melodrama contando a história de um americano que vê a sua mulher (de origem japonesa) ser internada num campo de concentração depois de o Japão ter atacado a base naval de Pearl Harbour. Um estudo sobre o racismo, um olhar sobre a face mais sombria do «american way of life». Com Dennis Quaid.

Sozinho em Casa/Home Alone. O grande êxito do Natal nos EUA. Uma comédia realizada por Chris Columbus e produzida por John Hughes que revela a nova criança prodígio do cinema americano. Fixem o nome: Macauley Culkin.

Marcado para Matar/Market for Death. Steve Seagal (pronunciar «Sai-gal») na arte do murro e da metralha. Porrada organizada por Dwight H. Little.

Arachnophobia. A mais recente produção da Amblin de Steven Spielberg, realizada pelo velho amigo Frank Marshall. Uma história de terror habitada por Jeff Daniels, John Goodman e alguns milhares de aracnídeos.

Linha Mortal/Flatliners. Julia Roberts, Julia Roberts e Julia Roberts. Ou seja: Julia Roberts como protagonista de uma história de estudantes de Medicina que pisam o risco entre a vida e a morte. Julia Roberts foi orientada pelo senhor Joel Schumacher. Consta que o filme também tem outros actores.

The Freshman. Marlon Brando não participou nas novas aventuras da família Coreleone, mas vingou-se a fazer de «Padrinho» nesta comédia cheia de «famiglias» e de «wiseguys». Matthew Broderick é o aspirante a «goodfella», enquanto que Brando é o velho Don, que imita o Corleone de Coppola. Realizado por Andrew Bergman.

O Padrinho Parte III. A saga dos Corleone chega ao fim (?). Um dos acontecimentos do ano. Com Pacino cada vez mais só e um elenco de apoio onde se destacam as presenças de Andy Garcia, Joe Mantegna, Eli Wallach e Diane Keaton. Estreia retumbante do Natal americano. Um sério candidato aos Oscars.

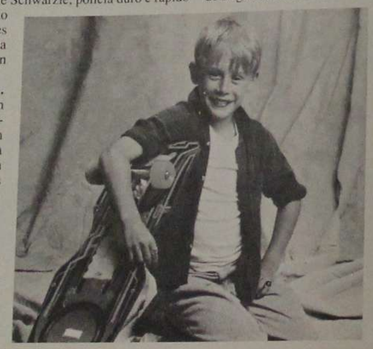
Havana. Sydney Pollack a fabricar o seu «Casablanca», numa história de amores impossíveis com a revolução cubana como pano de fundo. Com Robert Redford, Lena Olin e Raul Julia.

Jacobs Ladder BZ — Viagem Alucinante. Depois de «Nove Semanas e Meia» e «Atracção fatal», Adrian Lyne regressa com um filme sobre os pesadelos de um «viet vet». Com Tim Robbin e Elizabeth Peña. Estreia a 25 de Janeiro.

Kindergarten Cop. Arnie Schwarzie, polícia duro e rápido no gatilho, tem como missão proteger uma dúzia de alegres criancinhas. Comédia assinada pelo «caça-fantasmas» Ivan Reitman.

Dances With Wolves. Kevin Costner realiza, Kevin Costner produz, Kevin Costner interpreta. Trata-se de um «western» que grande parte da crítica americana considerou como um dos melhores filmes do ano.

Texasville. Peter Bogdanovich regressa ao local do crime e faz uma muito aguardada sequela do seu sublime «A Última Sessão». Novamente segundo um argumento de Larry McMurthy, com Jeff Bridges e Cybil Shepherd como vedetas.



The Doors. A história do «Rei Lagarto» contada pelo truculento Oliver Stone. Val Kilmer faz de Jim Morrison, Meg Ryan aparece na pele da doce Pamela, enquanto que o «agente especial Dale Cooper» (Kyle MacLachlan) dá vida ao teclista Ray Manzarek. Grande expectativas...

The Russia House. Michelle a tomar chá numa história de espiões baseada num romance de John le Carré que até foi parcialmente filmada em Portugal. A acompanhar a garota Pfeiffer aparece um senhor chamado Connery, Sean Connery. Realização de Fred Schepisi.

As Montanhas da Lua/Mounstains of the Moon. Parece que este entra já no início do mês. Bob Rafelson filma uma aventura baseada em factos verídicos, a épica jornada do explorador Richard Burton (não confundir com o eterno marido de Elizabeth) em busca das nascentes do Nilo.

Predador 2. Sem Schwarzie, com Danny Glover a dar caça ao terrível alienígena. Dirigido por Stephen Hopkins. Acção explosiva.

The Two Jakes. Outro título continuamente adiado. Sequela de «Chinatown», de Roman Polanski, tem Jack Nicholson na dupla função de realizador-actor, investigando novo e intrincado caso de corrupção na «cidade dos anjos».

Move at Large. Alan Rudolph brinca simultaneamente às comédias românticas e ao «film noir». História de detectives privados que se envolvem sentimentalmente com os «objectos» das suas investigações. Com Tom Berenger, Anne Archer, Elisabeth Perkins e Kate Capshaw.

Misery. Depois de «Um Amor Inevitável», Rob Reiner muda de agulha e adapta um romance de Stephen King. Uma história de um escritor de «thrillers» (James Caan) assaltado por pesadelos diversos. Com a senhora do assobio, Lauren Bacall.

Mermaids. As sereias são Cher e Wynona Ryder. O realizador (depois de muitas reviravoltas) foi Richard Benjamim. Comédia romântica, com Bob Huskins a brilhar.

Edward Scissorhands. O novo filme do senhor Tim Burton, ainda na ressaca do êxito de «Batman». Uma comédia fantástica, um conto de fadas sobre as dificuldades de adaptação de um jovem ao seu novo meio ambiente. O jovem chama-se Johnny Depp e o problema está nas suas mãos: são «tesouras», temíveis, metálicas. Com Wynona Ryder. A «Time» considerou-o um dos melhores filmes do ano.

Bonfire of the Vanities/A Feira das Vaidades. O romance de Tom Wolfe, a realização de Brian De Palma, o «star power» de Tom Hanks, Bruce Willis e Melanie Griffith. Êxito garantido.

Awakenings. A dupla Robin Williams-Robert De Niro a funcionar em pleno num melodrama assinado por Penny Marshall. De Niro é o senhor que «desperta» para a vida depois de ter passado perto de 30 anos em estado catatónico. Robin Williams é o médico que o recupera.

Almost an Angel. Sem as botas do «Crocodilo Dundee», Paul Hogan regressa numa comédia cheia de anjos e arcanjos. Linda Koslowsky acompanha-o.

Alice. O novo Woody Allen. Com um elenco de luxo: William Hurt, Mia Farrow, Alec Baldwin, Joe Mantegnaz e a participação especial de Cybil Shepherd.

State of Grace. Mais «gangsters», desta vez desempenhados por Sean Penn e Gary Oldman. Baseado numa história verídica. Violento. Realizado por Phil Joanou.

Postcards from the Edge. Meryl Streep é a vedeta desta história baseada num romance (autobiográfico) de Carrie Fisher (a Leia Organa de «A Guerra das Estrelas»). Os descarios de uma cantora «country» enredada na teia da fama e da glória, transformando a sua vida num caos. Com Shirley Mac Laine, Dennis Quaid e Gene Hackman.

Reversal of Fortune. Jeremy Irons e Glenn Close são as vedetas que dão vida a um filme baseado numa história real: a de um marido que é processado por ter tentado assassinar a sua esposa, deixando-a em estado «vegetal». Barbet Schroeder foi o realizador.

Desparate Hours. Um dupla que se refaz: Michael Cimino o Mickey Rourke. O objecto é um «remake» de um velho filme de Bogart da década de 50. Rourke é o «gangster» que, depois de fugir da prisão, aterra na casa de uma pacata família, aterrorizando os seus habitantes. Com Anthony Hopkins, Mimi Rogers e Kelly Lynch.

The Grifters. Stephen Frears dirige, Martin Scorsese produz. Um «thriller» com Anjelica Huston Annettte Benning e John Cusack, baseado numa novela de Jim Thompson.

Avalon. Barry Levinson com novo filme, depois do «oscarizado» «Rainman». A saga da família Krichinsky, desde a sua chegada aos «States», no princípio do século, até aos nossos dias. Com Armin Muller-Stahl, Aidan Quinn e Elizabeth Perkins. Um dos pretendentes aos Oscars.

fotograma

Alain Delon desilude, Scorcese filma com Jessica Lange e Robert De Niro e há muitas e boas edições de livros indispensáveis

■ Desilusão profunda parece ter sido o último filme de **Alain Delon**, «Dancing Machine», que recebeu críticas violentas. A história gira à volta de um bailarino em decadência que não quer reconhecer que o seu tempo chegou ao fim. Delon que assumiu «tous les pouvoirs» durante as filmagens, diz-se vítima de uma conspiração.

■ **«Porte Aperte»**, vencedor do prémio «Filme Europeu do Ano», revela uma nova estrela do cinema italiano. Trata-se de **Ennio Fantastichini**, verdadeiramente notável nesse drama siciliano onde tem «oposição» de respeito: nada mais nada menos do que **Gian Maria Volonté**.

■ O assassino volta ao local do crime. É a «remake» de «Cap Fear», um clássico de terror com sangue e um homem obcecado em violar mãe e filha. **Scorsese** («Tudo Bons Rapazes») dirige, com **Jessica Lange** e **Robert de Niro** nos principais papéis.

■ 10 000 títulos. É o que encerra **«Films on Video»** de John Elliot, que já traz edições (algumas) de 1990. De grande formato é de mais fácil leitura que os vídeoguias habituais. Inclui acção, aventura, drama, comédia, «thriller», guerra, «western», musical, ficção científica, adulto, horror, animação e kung ju.

■ Em França, as edições de livros de cinema são quase tão institucionais quanto os próprios filmes. Assim, acaba de ser lançado «Soixante-dix ans d'adolescence», as memórias cinematográficas de **Henri Jeanson**. De notar que Jeanson foi o argumentista de alguns dos títulos mais lendários da cinematrografia francesa: «Hotel du Nord», «Entrée des Artistes», **«Fanfan La Tulipe»**, entre outros...

■ Já está à venda também a conhecida edição **«L' Année du Cinéma»** referente aos meses de Julho de 89 a Junho de 90. Tudo classificado, fichado, bem ilustrado.

■ Uma edição francesa ainda mais preciosa: o tomo I de «Cinéma Français», assinado por Jacques Siclier. O volume abre no ano de 1945, com «La Bataille du Rail» e termina em 1968, com «La Chinoise». Neste livro fala-se, mais do que de grandes filmes, de correntes de ideias, de transformações históricas e económicas. É assim que Siclier fala dos filmes da Resistência, do fim do realismo poético, o período das adaptações literárias e a tradição de qualidade, a Nouvelle Vague, cujo início data de 1958. Se for a Paris... São 420 francos.

■ Em França já se comemoram os **cem anos do cinema**, apesar deste aniversário só acontecer em 1995. Na noite de 26 de Novembro último o Canal Plus ofereceu uma sessão em que alguns dos nomes mais conhecidos da cinematografia francesa comentaram cenas antológicas da História da Sétima Arte. E, nós, não era altura de prepararmos qualquer coisinha?

■ **«Madame Bovary»**, o clássico de Gustave Flaubert, volta ao cinema. Desta vez é pela mão de **Claude Chabrol**, um director francês que nunca pára, e a trágica heroína será **Isabel Huppert**.

■ Nas livrarias, a edição inglesa de **«Francis Ford Coppola»** de Peter Cowie. Numa altura em que a estreia de «The Godfather III», nos EUA, se torna polémica, o livro está no tempo certo.

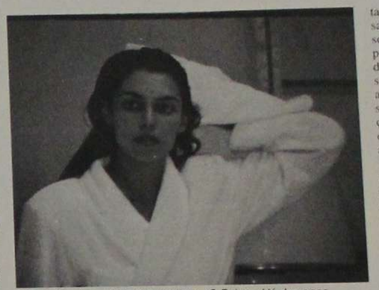
■ **Paul Verhoeven** abandona a área espectacular para se dedicar a «Basic Instinct», um «thriller» com **Michael Douglas** e muita cena de **sexo.**

■ O cinema só voltará a ser o que era quando nos sentirmos lá tão bem como em casa ou num local preferido. Na América, uma dupla de empresários com imaginação vai lançar uma cadeia de **«Cinemas Cafés»**, salas com restaurante que exibirão clássicos e fornecerão «good cuisine». Bom apetite!

bobo com barbas

Que é como quem diz: bebé com barbas. **O Bobo**, primeira longa-metragem de José Álvaro de Morais que, após uma gestação longa de dez anos, ganhou o Leopardo de Ouro em Locarno na edição de 1987, conhece finalmente a almejada estreia nos ecrãs portugueses.

As atribuições que estão na origem deste projecto (dificuldades de produção, paragens sucessivas) faziam adivinhar alguns dos riscos que José Álvaro de Morais correu (desfasamento cultural, sobretudo, pois de 78 para cá muito se passou), se poucos não fossem os que já corriam com a própria ideia na base do filme. **O Bobo** começou por ser um remoto projecto que o realizador desenvolveu no curso de realização que seguiu em Bruxelas (INSAS). Entretanto, cresceu em ambição e encolheu em hipóteses concretas de execução. Da adaptação quase integral da narrativa homónina de Alexandre Herculano, passou a peça de teatro em montagem num velho estúdio de cinema por um encenador-actor, envolvido em ressacas várias e labirínticas, q.b.



Paula Guedes é Rita Portugal em «O Bobo». Há dez anos...

Contar o argumento de **O Bobo**, eis uma tarefa ingrata, tantos e tão complexos são os «filmes dentro do filme» que desfilam no ecrã. A acção confronta duas narrativas que se ligam e se lêem uma através da outra. Francisco (Fernando Heitor) encena «O Bobo», enquanto aguarda o dinheiro resultante de uma transacção de armas a ser levada a cabo por João (Luís Lucas), seu amigo de infância e revolucionário desencantado que deixou de acreditar que a luta o esperava na rua. Enquanto isso protagoniza azedos desaguisados com a companheira (Paula Guedes) que não deixam dúvidas sobre o estado agonizante daquela relação.

A articulação do(s) significados do texto de Herculano com o presente e o passado recente (contado em flash back) é profundamente simbólica, se bem que intrincadamente exposta. A fuga em frente que significou o levantamento de Afonso Henriques contra sua mãe era o princípio de qualquer coisa. Resultou num parto, bem sucedido: Portugal. A encenação deste episódio pretendia representar, também para Francisco, um salto positivo, artístico e pessoal, pois que planeava ir viver para Nova Iorque após a estreia da peça. Tentativa frustre e o sabor amargo da dor é o que, afinal, consegue no que parece ser o retrato severo de uma geração que viveu tão depressa os entusiasmos da revolução como a ressaca do seu esvaziamento.

Restam os restos da memória, estilhaços que compõem identidades fragmentárias, várias, as dos personagens, a de Portugal, no fim do «império». Apesar da inteligência que José Álvaro de Morais demonstra no jogo de registos e de referências, da originalidade com que recupera algumas das melhores tradições do bom cinema português, a saber, o gosto pela alegoria, a teatralidade, o plano-sequência, seria falso dizer que **O Bobo** é um filme conseguido.

Mesmo se ignorarmos a perspectiva niilista de um certo miserabilismo geracional, as insuficiências técnicas que o filme apresenta contribuem em muito para fazer ruir a grandeza do projecto. A estética radical que se adivinha querer ser posta nas imagens sai amputada pelo inchaço que a cópia sofreu, de 16 mm para 35 mm, imperativo imposto para a apresentação do filme em Locarno. Do trabalho de Mário de Carvalho (fotografia) só se apercebe um infeliz empastelamento da cor e um insuportável e omnipresente grão. A banda sonora, magnífica, de Carlos Azevedo, Carlos Zíngaro e Pedro Caldeira Cabral é prejudicada por uma qualidade de som pior que má, e raro é o plano em que o movimento dos lábios dos actores está síncrono com o som. Sobra um retrato, em certos momentos quase patético, dos actores enquanto jovens. É excelente o nível das interpretações (Paula Guedes, Luís Lucas, Fernando Heitor e Luís Miguel Cintra, já portentoso) e a mais não são os actores obrigados.

É talves chegado o momento de assumir que tal indigência é, de facto, prejudicial ao cinema português. **O Bobo**, como criança que nasce velha, vestida dos setenta é, a este respeito, exemplar.

■ **Teresa CARMO**

alice no país do allen

Woody Allen filma com William Hurt, Joe Mantegna, Alec Baldwin e Cybill Shepherd? Sim, que bom! A «Alice» que dá o título é a eterna Mia Farrow

«Alice é uma comédia contemporânea sobre as fantásticas experiências vividas por uma mulher num ponto crucial da sua vida». A afirmação pertence a Woody Allen e define o seu novo filme, recentemente estreado nos EUA. Chama-se «Alice» e está a fazer furor nas grandes cidades americanas.

A primeira coisa que se nota neste «Alice» é o seu elenco, de primeira água, combinando «habitués» das fitas de Allen elementos da sua família cinematográfica, com outras vedetas do «show bizz» contemporâneo. Aliás, esta parece ser a nova estratégia do cineasta, desde o sublime «Another Woman», pasando por «Crimes e Misdemeanors» e pelo filme que Allen está a rodar (ainda sem título, como é custume) onde, ao lado de Allen e de Mia Farrow, temos as presenças de Madonna, John Malkovich e Jodie Foster. Em «Alice» os convidados de luxo chamam-se William Hurt, Joe Mantegna (o actor habitualmente utilizado por David Mamet, também com presença importante no «The Godfather Part 3»), Alec Baldwin (saído sucesso de «Caça ao Outubro Vermelho», que o transformou numa «star»), Bernardette Petters e Cybill Shepherd, a loura modelo e detective que aparece num pequeno mas divertido papel. A assinalar ainda a presença de Elle MacPherson, uma jovem que é uma das «top models» dos EUA, com presença assíduoa nas «covers» das mais importantes publicações ligadas à mulher e à moda.

Personagem central é «Alice» (interpretada por Mia Farrow) uma mulher que descobre que, após 16 anos de casamento, algo vai mal na sua vida. William Hurt é o marido, um homem de negócios bem instalado na vida. A existência de «Alice» modifica-se radicalmente no dia em que começa a fantasiar sobre um tipo divorciado, que conhece na escola que os seus filhos frequentam. É o ponto de partida para uma série de experiências, místicas na grande maioria, exploradas por Allen para diversos «gags».

A (já) habitual profusão de personagens serve para pontuar as diversas «descobertas» de Alice. Religião, sexo e comentário social misturam-se, com Nova Iorque a servir de pano de fundo. Uma Nova Iorque novamente fotografada pelo grande Carlo Di Palma, que acentua as cores outonais que servem de roupagem às fitas de Allen.

Segundo o crítico da «Variety», «Alice» prossegue a vertente «felliniana» do cinema de Allen. O senhor em causa refere que se «Stardust Memories/Recordações» foi o seu «8 1/2», se «Radio Days» o «Amarcord» versão Allen, então «Alice» é o «Julieta dos Espíritos». Uma referência não restritiva, sem dar a entender que Allen se limita a copiar os processos e os temas do conhecido cineasta italiano. Apenas uma alusão que serve para enquadrar a nova fita de Allen, comédia que brevemente teremos oportunidade de apreciar.

■ **Manuel PEREIRA**